



**3º
sebra
MUS**

OS INSTRUMENTOS DE TRABALHO DO NEGRO NO MUSEU HOMEM DO NORDESTE

Rafael Brito dos Reis*

Resumo: A presente pesquisa busca entender a associação dos instrumentos de trabalho relacionado ao defeito mecânico e, ao personagem negro, ao visitar o Museu Homem do Nordeste - MUHNE, problematizando o processo historiográfico de trabalho negro pelos instrumentos exposto no museu e ampliando as discussões sobre os processos de fabricação das representações sociais e das memórias de segregações raciais, presentes no Brasil e na cidade do Recife, por causa de 358 anos de escravidão institucionalizada entre os anos de 1530 a 1888 na história da escravidão do Brasil e as novas continuidades de trabalhos análogos a escravos na pós abolição, ao analisar alguns instrumentos de trabalhos da cozinha da produção do açúcar, a bacia de barbear, a caixa de sorvete, a máquina para fazer algodão doce, a máquina de amolar faca, a máquina de lambe lambe, a tábua de pirulitos, a caixa de cavaquinho, o triângulo, o tabuleiro de doce japonês, tampa do tabuleiro, a mesa, equipamentos associativos à figura do trabalho mecânico negro oriunda da tensão social entre: branco e negro, senhor e escravo, casa grande e senzala, relacionados a uma produção historiográfica da cultura material e da memória regional-local nas relações de poder presentes nesse processo. Não obstante, iremos introduzir apenas três instrumentos associativos ao negro do MUHNE, a saber: a máquina de amolar facas, a cozinha da produção do açúcar; e a máquina para fazer algodão doce.

Palavras-chave: MUHNE; Cultura Material; instrumentos de trabalho; defeito mecânico; negro.



3^o sebra mus

Abstract: The present research seeks to understand the association of the instruments of work related to the mechanical defect and, to the black personage, when visiting the Museum Man of the Northeast - MUHNE, problematizing the historiographic process of black work by the instruments exposed in the museum and expanding the discussions on the processes of social representations and memories of racial segregation, present in Brazil and in the city of Recife, because of 358 years of institutionalized slavery between the years 1530 and 1888 in the history of Brazilian slavery and the new continuities of similar works to Slaves in the post-abolition, when analyzing some instruments of kitchen work of sugar production, shaving basin, ice cream box, cotton candy making machine, knife grinding machine, lambe licking machine, ironing board Lollipops, ukulele box, triangle, Japanese candy tray, board lid, table, equipment And black and white, lord and slave, large house and senzala, related to a historiographic production of material culture and regional-local memory in the relations of power present in this process. Nevertheless, we will introduce only three associative instruments to the Negro of MUHNE, namely: the grinding machine knives, the sugar production kitchen; And the machine to make cotton candy.

Key-words: MUHNE; Culture Material; Work tools; Mechanical defect; black.



3º sebra mus

Introdução

“Não seria possível uma história da vida cotidiana sem as evidências da cultura material, assim como a história da cultura material seria ininteligível se esta não fosse colocada no contexto da vida social cotidiana. Peter Burke”

Este trabalho tem por objetivo geral analisar os instrumentos de trabalho mecânicos associados a figura do negro e seu defeito mecânico (GUEDES, 2006, p, 379-380), no Museu Homem do Nordeste - MUHNE, como um processo historiográfico na perspectiva da cultural material, considerando a reprodução da tensão social entre senhor e escravo na memória regional e local, a parti, da finalidade comunicativa e as reverberações socioespaciais dos objetos patrimoniais musealizados, apontando algumas ponderações sobre “elementos que orientam o uso dos museus no ensino de história” (PACHECO, 2012, p, 63).

O problema de pesquisa encontra-se nas seguintes perguntas: Quais são os instrumentos de trabalho associado a figura do negro no museu Homem do Nordeste? Qual o tipo de trabalho que está associado ao negro em cada objeto patrimonial musalizado? Como a cozinha da produção do açúcar, o afiador, o carrinho de algodão doce, são formas de discursos da tensão social entre: branco e negro, senhor e escravo, casa grande e senzala? Qual a intencionalidade comunicativa do Museu Homem do Nordeste na exposição desses instrumentos associativos a figura do trabalho negro e seu trabalho mecânico?

Essas questões devem ser amplamente respondidas ao longo de um trabalho de pesquisa como dissertação que buscaremos fazer em outra oportunidade, não obstante, aqui buscaremos levantar algumas considerações iniciais sobre os equipamentos de trabalho do negro como formas de discursos e o caráter comunicativo do Museu Homem do Nordeste nesse contexto de exposição de instrumentos de trabalho relacionado a divisão do trabalho.

Não obstante, “cabe ao museu ampliar a sua consciência quanto ao direito básico de cada cidadão no processo da cultura e, no que concerne o seu compromisso institucional, no processo da cultura material” (CURY, 2013, p, 26).



3º sebra mus

A intencionalidade comunicativa para Meneses (2000, p. 94) é ação revestida de criticidade, onde deve estar afinado com os “princípios essenciais e elementares, distanciando educação de transmissão, indução, paternalismos, autoritarismos, boas intenções e apelos outros diversos” (Apud: CURY, 2013, p, 14).

Para Cury “em síntese, diríamos que a problemática do museu é justamente a problemática da cultura material, mas em um lugar institucionalizado que se apoia em um acervo” (CURY, 2013, p, 15).

De acordo com Durkheim (1978, p, 82) temos na divisão do trabalho uma perspectiva mais alargada, isto é, uma perspectiva da solidariedade mecânica e solidariedade orgânica, do nosso ponto de vista, carregada de intencionalidade e discriminações sociais e raciais, onde necessariamente inclui o trabalho negro e seus instrumentos de trabalho na escravidão e pós abolição.

A solidariedade mecânica é detentora de seus instrumentos de trabalhos semelhantes que levam uma identidade, porém com relações simples na divisão do trabalho, “numa conexão do indivíduo (consciência individual) com o grupo social ao qual pertence (consciência coletiva) (DURKHEIM, 1978, 76).

Enquanto que a solidariedade orgânica os trabalhadores não possuem o controle dos instrumentos de trabalho, marcada por uma divisão de trabalho mais sistematizada, bem como, pelas diferenças entre os indivíduos, que se complementam pela divisão do trabalho (DURKHEIM, 1978, 82).

A Cultura Material, grosso modo, seria todo objeto que é manipulado e construído pelo homem, tratado no sentido simbólico e de uso, tendo várias representações sociais em determinados tempos espaciais.

A expressão cultura material refere-se a todo segmento do universo físico socialmente apropriado. Aqui, no entanto, para simplificar, falar-se-á



3º sebra mus

sobretudo do artefato, que é apenas um dos componentes - dos mais importantes, sem dúvida - da cultura material (MENEZES, 1988, p, 100).

Conforme o IPHAN (2000, p, 29) a cultura material refere-se a bens imóveis e bens móveis, sendo a vertente mais consolidada nas políticas de patrimônio.

No caso da chamada cultura material, que é a vertente mais consolidada nas políticas de patrimônio, esses levantamentos referem-se a bens imóveis ou móveis, tomados isoladamente ou em conjuntos. Nos dois casos – bens móveis ou imóveis –, as unidade e observação podem ser identificadas sem muita dificuldade: serão estruturas arquitetônicas ou objetos bem delimitados que se encontram em determinado sítio (IPHAN, 2000, p, 29).

Para Agier (2001, p, 22) os objetos patrimoniais musealizados possui uma tensão entre a identidade e a cultura, sendo um paradoxo e problemática que é o contrário da transparência suposta pelo qualificativo de “identidade cultural”:

Ao exibi-la, eles produzem uma concepção museográfica da cultura material, intocável e “pura”. No entanto, sua ação favorece a dinâmica cultural. Esse é o paradoxo permanente da relação entre identidade e cultura - uma relação problemática, conflituosa, ou seja, o contrário absoluto da transparência suposta pelo qualificativo de “identidade cultural” (AGIER, 2001, p, 22).

Não obstante, a cultura material envolve aspectos propriamente econômicos e político, pois entendemos que o patrimônio é uma escolha política, isto é, um ato político.

O Museu Homem do Nordeste, claramente demonstra uma associação tendenciosa de que o negro está relacionado ao defeito mecânico, a um tipo de trabalho mais braçal e menos intelectual oriundo do imaginário sociedade e sua história.

Esses trabalhos associados ao negro são mais mecânicos oriundo a uma continuidade da tensão social entre: branco e negro, senhor e escravo, casa grande e senzala, relacionados a



3º sebra mus

uma produção historiográfica da cultura material e da memória regional-local nas relações de poder presentes nesse processo, conseqüentemente, não estando na memória popular a associação do negro com trabalhos tidos como complexos e orgânicos como medicina, advocacia e engenharia dentre outros.

Em diálogo com Durkheim (1978, p, 82) entendemos que a memória e as expressões culturais da cultura material nas peças do museu sobre os instrumentos de trabalho do negro possuem diferenças, no entanto, o sistema escravista e pós abolicionista, na perspectiva da memória e da cultura material, se mesclaram dentro de uma sociedade de trabalhadores onde “estas duas solidariedades não passam de uma só. São duas faces de uma única realidade...” (DURKHEIM, 1978, 82).

Para Cury, a organização das salas temáticas de um museu e a localização de suas peças e objeto patrimonial musealizado são pedagogicamente orientados visando a formação de uma cidadania e solidariedade, pois “o museu é um meio de comunicação comprometido com a qualidade de comunicação, ou seja, com a capacidade de despertar a consciência, estimular questionamentos e pensamentos críticos” (CURY, 2013, p, 13).

Nos parâmetros da comunicação museológica, a máquina de amolar facas, a cozinha da produção do açúcar; e a máquina para fazer algodão doce para os visitantes do museu, faz a memória retomar o pensamento que o trabalhador negro afrodescendente está relacionado ao trabalho social de serviços gerais e do trabalho informal.

Concordamos com Cury, pois existe uma práxis comunicativa no Museu Homem do Nordeste realista quanto a situação social dos trabalhadores negros da época indica pela cultura material, mas, ao mesmo tempo, existe uma mensagem pejorativa ao apontar a segregação racial e a discriminação do trabalhador negro, onde mesmo a pós abolição da escravatura existem trabalhos análogos a escravidão, bem como, a discriminação profissional de negros que saem desses parâmetros da comunicação musealizado de que o tipo de trabalho do negro é predominantemente penoso e braçal (CURY, 2013, p, 17-18).

Ao buscar compreender que o tipo de trabalho do negro, assim como, as continuidades e descontinuidades dessa memória racista na perspectiva da Museologia, assim como,



3º sebra mus

reflexões sobre as práticas de memórias e a História Social e Cultural, podemos ampliar as noções e discussões sobre os instrumentos de trabalho do negro em cada objeto patrimonial musealizado, propondo outras possibilidades de análises.

Embora isso possa ser considerado para alguns museólogos e historiadores como algo em segundo plano, deve se configurar como um grande desafio empírico para a compreensão das potencialidades de aprendizagens nos museus com finalidade em discutir a relação cultura material e memória em museus e as memórias relacionadas por disputas simbólicas. Isso porque nos ajuda a analisar as continuidades e descontinuidades da produção da memória e o papel educador e comunicativo do museu na formação da cidadania.

Nesse sentido, a visão do museólogo e o historiador devem estar sempre se colocando em perspectiva, porque refletir um objeto patrimonial musealizado e as memórias coletivas em diferentes contextos e fazer uma história dos poderes simbólicos em meio aos períodos que são marcos historiográficos ainda são trabalhos bastante desafiadores. No entanto, temas como este estão presentes nas discussões envolvendo as aprendizagens sensíveis no uso pedagógico dos museus, tanto a memória regional relacionado ao museu, como a cultura material e a memória local.

Assim, comprovamos a relevância científica da pesquisa ao atrelar essas dinâmicas da memória e da historiografia na perspectiva da Cultura Material, a partir dos diferentes processos temporais dos discursos políticos sobre o objeto patrimonial musealizado acerca dos instrumentos de trabalho do negro, relacionando-as com o resgate dos debates polêmicos que envolvem a relação apropriação-ressignificação, entre as tensões, por exemplo, mas não somente, do senhor e escravo, negro e branco, casa grande e senzala, orla e favela. Onde nessas relações “sem dúvida, o racismo adicionou um tom perverso” (THOMPSON, 1998, p, 366).

Com base nisso, e agrupando toda essa relevância da cultura material para a História, esta pesquisa buscará tecer algumas ponderações aos questionamentos iniciais propostos, dialogando sobre a comunicação museológica e os equipamentos de trabalho do negro legitimados no exercício do defeito mecânico como formas de discursos.



Os equipamentos de trabalho do negro como formas de discursos

Os equipamentos de trabalho do negro como formas de discursos consideram que existe um contexto onde a educação patrimonial é importante para a memória e a história no processo de comunicação e formação da cidadania.

Isso no sentido positivo, no entanto, como discurso um objeto patrimonial musealizado também pode ser usado como instrumentos reacionários, legitimação do domínio socioespacial e manipulação de pessoas.

Ao considerar que nenhum discurso patrimonial é neutro, partimos para o entendimento que também nenhum objeto patrimonial está fora de sintonia com as intencionalidades do museólogo.

Nesse sentido, o trajeto de cada objeto patrimonial musealizado relacionado ao instrumento de trabalho do negro deve ser considerado como maneiras de educar e desenvolver discursos, mas para isso, devemos entender o que realmente está por traz dos discursos, isto é:

[...] a articulação entre o ato que propõe e a sociedade que reflete; o corte, constantemente questionado, entre um presente e um passado; o duplo estatuto de um objeto, que é um "efeito do real" no texto e o não-dito implicado pelo fechamento do discurso (CERTEAU, 1982, p, 54).

A intensão do objeto patrimonial, ao nosso ver, está carregado de símbolos, memórias e discursos, onde o educador de museu é um comunicador, ou seja, “aquele que articula a cultura material ao cotidiano do público, fazendo com que os processos educacionais tenham sentido para diferentes categorias de público” (CURY, 2013, p, 19).

Não obstante, mesmo o educador não sendo um decifrador de códigos, é um sujeito relevante que possui um papel na formação da cidadania a partir dos discursos do objeto patrimonial musealizado.

O primeiro objeto patrimonial musealizado exposto no museu do Nordeste que analisaremos dentre os equipamentos de trabalho do negro como discursos intrínsecos na perspectiva da cultura material é o afiador ou amolador de facas.

O afiador na historiografia é um instrumento de trabalho que retoma em princípio as atividades dos homens Sapiens, onde utilizavam as rochas mais resistentes para a afinação de lanças e outras rochas. Nesse sentido, não se associa diretamente ao trabalho mecânico do negro, mas de um utensílio rudimentar que nessa periodização se assemelhava o que chamamos de pedra de amolar e afiador ou amolador de facas e tesouras.

Figura 01: Máquina de amolar facas e tesouras.



Fonte: base ISIS / COMUS - MUHNE/FUNDAJ – FOTO DE 2017¹.

No MUHNE a “máquina de amolar facas e tesouras” encontra-se na sala temática dos instrumentos de trabalhos associativo ao negro e seu defeito mecânico. Do nosso ponto de vista, esse objeto patrimonial musealizado está inserido numa legitimação da memória que criminaliza a figura do negro mesmo nos pós abolição, trabalhando a memória de discriminação racial, social e econômica.

Antigamente o afiador ou a “máquina de amolar facas e tesouras” era conhecido como reparador de sombrinhas e eram serviços comerciais prestados por pessoas que viviam de trabalhos penosos como ambulantes e, sobretudo, os escravos que iriam amolar as facas e tesouras de seus senhores. Onde não necessariamente seriam escravos negros, mas por

¹ MAQUINA DE AMOLAR FACAS. Registro: 88.17.1. Autor: JOSE ANTONIO DA COSTA FILHO. Origem: RECIFE PERNAMBUCO. Class.: CIÊNCIA, TECNOLOGIA, MAQUINARIA. Técnica: MARCENARIA, SOLDAGEM Material: MADEIRA, FLANDRE, COURO Localização: EXPOSICAO, ANTROPOLOGIA - MODULO A - BASE 18. Aquisição: (19/07/88).



3º sebra mus

associação oriunda dessa memória segregadorizante, ao nosso ver, vários fazeres historiográficos e usos pedagógicos dos museus muitas vezes colocam o continente africano numa generalização como uma região exclusivamente de negros pobres e “inferiores”.

Na escravização institucionalizada a partir de 1530 até 1888, a América portuguesa realmente importava escravos negros em sua predominância, porém, também vinham escravos muçulmanos não negros da África e escravos de outras culturas, como no caso do escravo muçulmano Rufino que teve sua trajetória de vida na Bahia, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife (REIS, 2010, p, 9-12).

A cozinha da produção do açúcar, possui vários objetos patrimoniais musealizados, dentre eles, instrumentos de trabalho do negro como peças como colheres com cabos longos utilizadas pelo responsável do caldeirão, artes artesanais sobre a produção açucareira, quadros que expõem um panorama geral da produção do açúcar pelo trabalho escravo. Assim como, existe a exposição das fôrmas de pão de açúcar, para formar os blocos de açúcar em formato de cone. E os instrumentos da produção do caldo grosso de açúcar, com várias bacias de ferro e um grande caldeirão, seguido de uma foto para ser comparado em justaposição.

Esses utensílios sobre a produção do açúcar expostos no museu possuem veracidade histórica, pois de fato representam os instrumentos de trabalho do período, de acordo com a memória e a historiografia. Porém, especificamente no MUHNE a distribuição de três momentos e salas diferentes, dificulta ao nosso ver, muito o ensino de história, e não existe nenhum recurso áudio visual para melhorar o ambiente. E nenhuma interação criativa do tema histórico com o público visitante que potencializam a aprendizagem sensível da cultura.

Nesse sentido, a cozinha de produção de açúcar claramente mostra o tipo de trabalho mecânico dos negros escravizados na América portuguesa, especialmente no Recife, passando uma mensagem de exploração de trabalho, sofrimento e abuso que na realidade era o que estava acontecendo, porém, do nosso ponto de vista, o ensino museológico dessa sala temática no MUHNE enriqueceu a problemática antropológica do museu e de seu papel de formação de esclarecimento social, assim como, da preocupação do que, na perspectiva do discurso do



3º sebra mus

patrimônio musealizado, faz uma discriminação do trabalho do negro, um discurso de manutenção da dominação da casa grande sobre a senzala, até nos tempos hodiernos.

Para Cury, à crítica que se faz aos museus como “lugar de coisa velha”, monótono e, chato, está associada à sua comunicação, onde na cozinha da produção do açúcar essa mensagem traz um discurso que esquivar-se do problema ou distanciar-se do que seria a problemática do museu e seu papel social” (CURY, 2013, p, 14).

Se a exposição é essencial para a comunicação museológica porque é a melhor forma de materialização de problemáticas museológicas, a ação educativa é essencial também porque vai além da exposição, potencializando a experiência do visitante com o patrimônio cultural (CURY, 2013, p, 21).

Em outra passagem Cury continua:

O público agrega valor à sinergia não com a sua presença, mas com a sua contribuição em torno da discussão sobre o significado do patrimônio cultural. Assim, a comunicação não é o fim e tampouco o começo da curadoria e sim possibilidade de participação dos sujeitos do museu - profissionais e público - na dinâmica da cultura material. Há com esta concepção uma mudança institucional substancial que compreende: (1) como o museu se pensa e se organiza? (2) como o museu conceitua o público? (3) como o público participa efetivamente na sinergia? (CURY, 2013, p, 17-18).

O terceiro objeto patrimonial musealizado que destacaremos nessa pesquisa e oferece discursos sobre o tipo de trabalho do negro e seu defeito mecânico é o carrinho de algodão doce. A historiografia revela que o algodão doce foi criado nos Estados Unidos por volta do final do século XIX e início do século XX, onde “a máquina de fazer o algodão doce é



constituída por um recipiente na forma de uma bacia e com um cilindro giratório no centro, dentro do qual é colocado o açúcar”².

Figura 02: Máquina para fazer algodão doce.



Fonte: Base ISIS / COMUS - MUHNE/FUNDAJ – FOTO DE 2017³.

O discurso desse patrimônio musealizado se integra como um instrumento de trabalho negro, pela ênfase no trabalho mecânico como os instrumentos da produção do açúcar e o afiador. Mas também, por ser um trabalho econômico de pouca rentabilidade e pouco esforço intelectual.

Nas entrelinhas dos discursos analisados até agora, retomamos ao contexto onde a educação patrimonial é importante para a formação da cidadania mais democrática e menos reacionária.

A análise linguística poderia demonstrar os discursos nos objetos patrimoniais como proposições e, nas teorias dos atos de fala, tendiam a apresentar os pensamentos como elocuições atuantes sobre aqueles que as observam, e até mesmo sobre aqueles que as enunciam.

² A Origem das Coisas. Disponível em: <http://origemdascoisas.com/a-origem-do-algodao-doce/> . Acessado em: 28.06.2017.

³ MAQUINA PARA FAZER ALGODAO DOCE. Registro: 81.30.1. Autor: NAO IDENTIFICADO Marca: SEM MARCA. Origem: RECIFE, PERNAMBUCO. Material: MADEIRA, FLANDRE. Localização: EXPOSICAO: ANTROPOLOGIA - MODULO A - BASE 16. Aquisição: COMPRA Procedência: MARLINDO ANTONIO DE LIMA. Conservação: BOM. Valor: 00023000CR\$. Dimensões: 76X166X59 CM. (ABERTA)- 140X166X59 CM. (FECHADA).



3º sebra mus

A “máquina para fazer algodão doce” do MUHNE se integra a sala temática dos instrumentos de trabalhos associativos ao negro e seu trabalho mecânico, porém leva em consideração uma “evolução” na diversificação do trabalho, onde o negro ainda é mantido como uma forma de trabalho inferiorizada.

Percebemos ainda que essa “máquina para fazer algodão doce” na sua localização no MUHNE se encontra entre três subdivisões dessa sala temática dificultando sua real contextualização para os olhares menos técnicos e apurados.

Pode se dizer até para fins de propostas na comunicação do MUHNE dessa sala temática, que existe até mesmo o certo anacronismo nesse objeto patrimonial musealizado em relação a temporalidade mais moderna em comparação com a cozinha da produção do açúcar, devido a sua localização e falta de adequação com os outros instrumentos de trabalhos associativos ao negro e seu defeito mecânico expostos nessa sala temática. No entanto, se encontra contextualizado com as intencionalidades antropológicas e sociológicas do MUHNE, influenciada pelo seu fundador Gilberto Freyre em 1979.

Essa tendência mais antropológica do que historiográfica e temporal do MUHNE no certo sentido dificulta o ensino de história nessa perspectiva. Porém, no que refere a sua grande mensagem museológica sobre a legitimação das divisões raciais e as divisões de trabalhos encontra-se corretamente contextualizada, pois expressa as práticas de uma memória racista e, por conseguinte, uma aprendizagem sensível no uso pedagógico desse objeto patrimonial musealizado, do nosso ponto de vista, carregado de simbolismos.

Não obstante, é necessário não igualarmos como sinônimos os três discursos oriundos dos objetos patrimoniais musealizados, pois na perspectiva da cultura material os discursos são dinâmicos e marcados no tempo e espaço.

Propomos uma análise mais ampla para os equipamentos de trabalho do negro como discursos, pois essa questão ainda é passiva de pesquisa. Indicando como auxílios teóricos e metodológicos os autores Poulot (2013); Chuva (2008); Cury (2013); Galvão (2011);



3º sebra mus

Gonçalves (2003); Sylvania Sousa do Nascimento (2013); Meneses (2000); Scheiner (2003); Nora (1981); Oliveira (2008) e Pacheco (2010; 2012) na área de museu-comunicação, museu-escola e museu e história. Assim como, as abordagens da Análise do Discuso (AD), a Escola dos Annales - Lucien Febvre e Marc Bloch, tendo a noção de história e memória, e memórias coletivas em Le Goff (1990) e Halbwachs (2003) respectivamente, e, a questão do mito em Miguel (2000) e a noção de identidade, sujeito e sujeito sociológico com Hall (2000).

A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele/ela habitava [...] O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2000, p, 11).

Em outra passagem Hall (2000, p, 11-13) continua:

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior”- entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tomando os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tomando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. Argumenta-se, entretanto, que são exatamente essas coisas que agora estão “mudando”. O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tomando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo



3º sebra mus

produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” (veja Hall, 1990). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (HALL, 2000, p, 11-13).

É importante lembrarmos que essas referências são proposta de acordo com nosso estudo empírico que necessariamente não são absolutos, mas servem como pontos de partidas iniciais.

Nesse sentido, consideramos que faz toda a diferença o entendimento da realidade que todo argumento não é inocente, pelo contrário, o discurso é carregado de emblemas e intencionalidades que, paulatinamente, fazem “referência a um conteúdo sociopolítico que identifica uma forma social de ser e de existir historicamente” (NEVES, 2012, p, 7).

Considerações Finais

É muito difícil pensar até para fins de pesquisa em uma desarticulação do museu com sua função de ensino, comunicação, salvaguardo uma vez que todas essas apropriações e ressignificações fazem parte da memória coletiva do objeto patrimonial musealizado, seja negativa ou positiva, mito ou verdade, onde a história cultural e a cultura material servem também, mas não somente, para esclarecer os equívocos museológicos e historiográficos.

As discussões encontradas nos instrumentos de trabalho mecânicos associados a figura do negro, no Museu Homem do Nordeste, como um processo historiográfico na perspectiva da cultura material demonstram que o tipo de trabalho do negro associado na memória é de trabalho inferior, por uma associação aos trabalhos penosos dos escravos caracterizado como um trabalho de nenhuma ou pouca rentabilidade financeira.

Propomos um fazer historiográfico mais apurado, numa busca na ampliação das discussões a comunicação dos museus e os objetos patrimoniais musealizados como os instrumentos de trabalho associados ao trabalho negro. Onde estão inseridos no fazer historiográfico sobre a cultura material, direto ou indiretamente os discursos de classes, direitos sociais, etnia, escravidão, abolição, pós-abolição, nacionalidade, relações de poder, ações políticas de Estado, movimentos sociais, economia, na atual sociabilidade brasileira.

Enfim, os instrumentos de trabalhos do negro expostos no MUHNE possuem uma extensão temporal que é a mão de obra negra, a nova escravidão nas representações sociais e continuidades pós abolicionistas, por exemplo, o barbeiro de rua que foi apresentado como futuro alvo de pesquisa, por questão de espaço não discutimos, mas gostaríamos de finalizar com algumas considerações, era uma peça do século XIX, do negro em geral e do escravo de ganho, onde mostram a forma de escravidão daqueles que manipulam esses instrumentos, intrinsecamente, revelando uma “divisão” de trabalho precária na escravidão, que continua sendo precária, discussão, do nosso ponto de vista, carregada de simbolismo.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. **Distúrbios identitários em tempos de globalização**. In: Revista MANA 7(2):7-33, 2001.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008. Capítulo 1 e 2.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história** / Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHUVA, Márcia. O ofício do historiador: sobre ética e patrimônio cultural. In: IPHAN. **Anais da I Oficina de Pesquisa: a pesquisa histórica no IPHAN**. Rio de Janeiro: IPHAN; COPEDOC, 2008.

CURY, Marília Xavier. **Educação em Museus: Panorama, Dilemas e Algumas Ponderações**. Ensino em Re-Vista (Online), v. 20, p. 13-27, 2013

DURKHEIM, E. La solidarité due à la division du travail ou organique”. In: **De la division du travail social**. Liv. 1º, cap 3º, p. 96-102. 7a ed., Paris, PUF, (in: Durkheim, 1978) 1960.

_____. “Prépondérance progressive de la solidarité organique et ses conséquences”. In: **De la division du travail social**. Liv. 1º, cap 4º, p. 149-169. 7a ed., Paris, PUF, (in: Durkheim, 1978) 1960.

_____. **Emile Durkheim**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Ática. 1978.

DO NASCIMENTO, Silvania Sousa. **A relação Museu e Escola: um duplo olhar sobre a ação educativa em seis museus de Minas Gerais**. Ensino em Re-Vista (Online), v. 20, p. 179-192, 2013.

GALVÃO, G. K. A. **A relação museu-visitante: o caso do Museu do Homem do Nordeste**. In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, julho 2011.

GUEDES, Roberto. **Ofícios mecânicos e mobilidade social: Rio de Janeiro e São Paulo (séculos XII-XIX)**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 7, p. 379-422, 2006.

GONÇALVES, José Reginaldo. **Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1996. P. 88 – 114.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.). **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2000.

IPHAN. Inventário Nacional de Referências Culturais. INRC 2000. Manual de Aplicação. Brasília: IPHAN, 2000, p, 1 – 35.

LARA, S. H.. **História Cultural e História Social**. In: Revista Diálogos, UEM, 01:25 - 32, 1997



LE GOFF, Jacques. **História e memória** / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] - Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Educação e museus: sedução, riscos e ilusões**. Ciência e Letras, n. 27, p. 91-101, 2000.

MENESES, Ulpiano T. **Memória e Cultura Material: Documentos Pessoais no Espaço Público**. Ciência e Letras, 1988, p. 100. (nota de rodapé)

NEVES, Frederico de Castro. **O Nordeste e a historiografia brasileira**. Ponta de Lança, v.5, n. 10, out. 2012. Disponível em:
[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20047/1/2012_art_cfneves%20\(1\).pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20047/1/2012_art_cfneves%20(1).pdf) Acessado em 24 de julho de 2017.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **PROJETO HISTÓRIA: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**. (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) São Paulo, SP - Brasil, v. 10, n. 1, 1981, p. 7-28.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. Museus, exposições e centros culturais. In: **Cultura é patrimônio**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História** (Impresso), v. 30, p. 143-154, 2010.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O MUSEU NA SALA DE AULA: propostas para o planejamento de visitas aos museus**. TEMPO E ARGUMENTO, v. 04, p. 63-81, 2012.

POULOT, Dominique. **Museu e Museologia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RANGEL, Vania Brayner. Uma gota de sangue no Museu do Homem do Nordeste. In: Ángel Espina Barrio; Antonio Motta; Mário Hélio Gomes. (Org.). **Inovação Cultural: Patrimônio e Educação**. 01ed. Recife: Editora Massangana, 2010, v., p. 313-327.

REIS, João José. **O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico Negro** (c. 1822-c. 1853) / João José Reis, Flávio dos Santos Gomes, Marcus J. M. de Carvalho. — São Paulo: Companhia das Letras, 2010.



3º sebra mus

SCHEINER, Tereza C. Comunicação - educação - exposição: novos saberes, novos sentidos. **Semiosfera**. RJ: UFRJ, v.4-5. 2003.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da, e BEZERRA, Márcia. Educação Patrimonial: perspectivas e dilemas. In: LIMA FILHO, Manuel Ferreira et al (Org.). **Antropologia e patrimônio cultural**: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007, p. 81 – 97

SOARES, S. S. D. **O Perfil da Discriminação no Mercado de Trabalho** – Homens Negros, Mulheres Brancas e Mulheres Negras. Texto para discussão n. 769 - IPEA. Brasília, 2000.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum** / E P. Thompson. - Paulo Fontes. São Paulo Companhia das Letras. 1998.